

A CAROCHINHA

PERIÓDICO INFANTIL

FLORIANÓPOLIS -- Sabado 14 de Novembro de 1914

Numero simples 60 réis — duplo 100 réis

Publicando "A Carochinha" o nosso intento é oferecer ás creanças do Estado e especialmente de Florianópolis uma leitura agradável coligida no intento de cultivar-lhes sentimentos uteis á vida social.

O nosso pequeno meio permitirá difficilmente darmos trabalhos originaes; mas procuraremos no genero o que houver de melhor e que interesse tanto á infancia como a os proprios pais e mestres preocupados com o problema da educação e instrução de seus filhos e discipulos.

Arranjaremos a parte material de modo que o leitor colecionador possa no fim do ano ter um regular volume contendo contos, poesias, narrações, dos melhores autores no assumto.

"A Carochinha" sahirá aos sabados á tarde, de modo que á noute e aos domingos sem escola, nossos pequenos leitores possam dedicar-lhe mais tempo, recebendo-o como o melhor dos camaradas.

A Redação

Norouás!

(Dos contos de terra e mar)

Era uma vez um pobre homem e uma pobre mulher que só tinham um pequeno campo; semearam linho que brotou á maravilha e ficou tão bonito que nunca se tinha visto igual. Quando amadureceu a bôa gente o arrancou, curtiu e o estendeu no prado a secar.

Estavam contentes com a bela colheita dar-lhes um bemestar a vendendo; mas veio um grande pé de vento Norouás (Noroeste) que carregou o linho, jogou-o para cima das arvores e o espalhou pelo mar. Quando o homem viu sua colheita perdida começou a praguejar contra o vento, tomou seu cacete e poz-se em caminho para ir matar o maldito Norouás, que tinha estragado seu linho. Levou consigo comida para dois ou tres dias, mas a viagem foi mais longa do que ele pensava e esteve quasi a morrer de fome por estes caminhos. Uma tarde chegou a um hotel e disse á hoteleira:

— Eu não tenho um vintem, por esmola dai-me um pedaço de pão e deixai-me dormir num canto da estrebaria.

O pobre homem teve pão para comer e um feixe de palha para deitar-se; na ma-

nhã seguinte agradeceu á hoteleira e disse-lhe: 60

Não sabeis me dizer onde mora Norouás?

Sim, responde ella; vinde comigo. O conduziu ao pé de uma montanha e lhe disse:

E lá encima que elle mora.

O pobre homem começou a subir a montanha onde moravam os ventos e encontrou Sourouás (Sudoeste) que estava de quarto.

Es tu, diz-lhe elle, que te chamas Norouás?

Não, eu sou Sourouás.

Onde está este patife do Norouás que me roubou meu bonito linho? Eu trouxe meu cacête especialmente para mata-lo.

Não fala tão alto, homem, respondeu Sourouás; si elle te ouvisse te carregava nos ares como a um fiapo.

Veremos, diz o homem apertando seu cacête.

Eis Norouás que se aproxima soprando:

Ah! miseravel Norouás! exclama o pobre homem: foste tu que roubaste minha bela peça de linho!

Cala a bôca, ou eu te carrego, respondeu a voz grossa de Norouás.

Tens que entregar-me minha peça de linho.

Não acabas de aborrecer-me, impres-tavel? diz-lhe o vento. Mas o pobre homem não cessava de gritar:

Norouás, entrega meu linho! Norouás, entrega meu linho!

Pois bem, diz Norouás, para ficarmos em paz, aqui tens um guardanapo.

Com minha peça de linho, respondeu o pobre homem, eu poderia fazer mais de um cento disto. Norouás, dá meu linho!

Teus guardanapos, diz Norouás, não teriam nunca a virtude deste; quando disseres: «Guardanapo abre-te» elle te dará a mais bela meza servida como nunca viste.

O pobre homem deceu a montanha, depois parou para experimentar seu guardanapo, dizendo-lhe: «Guardanapo abre-te», e logo eis uma meza posta com pão, carne e vinho que se apresenta em sua frente. Elle comeu com appetite voraz, depois, ao anoitecer, entrou no hotel onde havia dormido.

Norouás! perguntou-lhe a hoteleira; pagou-te bem?

Ohlé! respondeu elle; esta noite não preciso que me dês pão; o guardanapo de Norouás me fornecerá bastante para todos: Guardanapo abre-te, diz, elle, tirando-o do bolso.

E eis uma soberba meza que se levanta por si mesma, que cobre-se de pratos, copos, carnes e vinhos; nunca se viu repasto melhor servido.

Em vez de dar ao pobre homem um feixe de palhas em um canto da estrebaria, a hoteleira o agasalhou em uma bôa cama sobre um colchão de penas; elle não custou a dormir, e quando elle roncava como um felizardo, ella tirou-lhe o guardanapo e trocou por um outro muito semelhante.

Elle voltou para a casa e mal sua mulher o viu, perguntou-lhe:

Norouás pagou-te bem?

Sim, olha que bonito guardanapo.

Velho bôbo, exclamou ella, farias melhor tomando outra cousa; na nossa peça de linho tinhamos mais de duzentos guardanapos, e te contentaste com um só!

Não grita, diz o bom homem, vais ver para quanto elle serve «Guardanapo abre-te» disse elle.

O guardanapo quieto, a meza servida não appareceu. O homem gritou ainda tres ou quatro vezes «guardanapo abre-te» mas não viu apparecer nada, e sua mulher, começou a caçoar dele.

Norouás fez-me cair no laço, diz elle;

mas desta vez eu o mato.

Tomou o cacête e poz-se a caminho; foi dormir no mesmo hotel e disse á hoteleira:

— Eu vou matar Norouás; o anilha deu-me um guardanapo que só era encantado para duas vezes.

— Não deixa de passar por aqui na volta, disse-lhe a hoteleira.

Demanhã, bem cedo, ele poz o pé na estrada e, quando chegou ao alto da montanha, começou a gritar:

— Grande patife do Norouás, o guardanapo que me deste só era encantado para duas vezes. Norouás, entrega-me meu linho!

— Não grita tanto, homem, ou eu te carrego nos ares como a um fiapo.

— Norouás, dá-me meu linho! Norouás, dá-me meu linho ou eu te mato.

— Aqui está, diz Norouás, um burro; quando tu disseres «Burro faz-me ouro», tu o terás em abundancia.

O pobre homem deceu a montanha com seu burro, e embaixo disse: «Burro faz-me ouro». Logo o burro levantou o rabo e deixou cair na estrada róllos de ouro. O bom homem encheu os bolsos e lá se foi para o hotel.

— Oh lá! perguntou-lhe a hoteleira, Norouás pagou-te bem?

— Sim respondeu ele; deu-me um burro, vós ides ver que virtude tem: «Burro, diz ele, faz-me ouro». Logo o burro levantou o rabo, o deixou cair moedas de ouro, grandes e pequenas, que rólavam no chão.

Depois que o homem recolheu o burro á estrebaria, deitaram-no em uma cama ainda melhor que dantes e, enquanto ele dormia, a hoteleira trocou o burro por um outro muito parecido.

Logo que o bom do homem chegou em casa, a mulher lhe disse:

— E Norouás pagou-te bem?

— Sim, respondeu ele: abre teu aven-

tal embaixo do rabo do burro, «Burro dá-me ouro», ordenou ele.

O burro não se mecheu; o homem repetiu ainda:

«Burro dá-me ouro»; nada caiu no avental e ele ficou tão furioso que tomou o cacête para matar o burro.

— Velho maluco, diz-lhe a mulher, é a segunda vez que te deixas enganar.

— Ah! Norouás, exclama o pobre homem, desta vez eu te mato.

Tomou o cacête e, quando chegou ao hotel, disse:

— Norouás me enganou ainda, desta vez porém, eu o matarei.

— Não deixa de passar por aqui na volta, respondeu-lhe a hoteleira.

Na manhã seguinte, acordou bem cedo, subiu o montanha e disse a Norouás:

— Foste tu, grande bandalho, que me deste um burro que só tinha o encanto para duas vezes. Norouás, dá-me meu linho!

— Ah! responde Norouás, tu, pelo que vejo, queres levar tudo o que eu possuo.

— Norouás, entrega meu linho ou eu te mato.

— Eu vou carregar-te como a um fiapo, respondeu o vento, que poz-se a soprar. Mas o pobre homem gritava: Norouás, dá-me meu linho!

E Norouás lhe diz:

— Aqui está, meu velho, um cacête; quando tu disseres: «cacête, desdobra-te», ele começará a dar pancadas; e quando quizeres fazel-o parar, dirás, «ora pro nobis». De caminho, passa pelo hotel onde pousaste, foi lá que te roubaram o guardanapo e o burro.

Desta vez o homem ficou mesmo contente; logo que saiu quiz experimentar a virtude do seu cacête e disse-lhe: «cacête desdobra-te». Logo o cacête escapou-lhe das mãos e pôz-se a fazer voltas no ar e a dar pancadas tão fortes que ele, não só não achava

onde esconder-se, como ainda se esqueceu do que devia fazer para pará-lo. Afinal lembrou-se de dizer: «Ora pro nobis» e o cacête voltou logo para suas mãos.

Chegando ao hotel a hoteleira perguntou-lhe:

— E. Norouás pagou-te bem desta vez?

— Sim, respondeu ele; aqui está um cacête que dá em todos aqueles que eu quero. Entrega-me meu guardanapo e meu burro que me roubastes.

— Eu não te roubei nada, diz a hoteleira; si continuas a gritar eu mândo chamar os policias.

Meu cacête desdobra-te, gritou o homem.

Logo o cacête começou a dançar nos ares, dava pancada na hoteleira, nos creados; quebrava copos, terrinas e pratos, pancada velha uma atraz da outra.

Ah! meu velho, gritou a hoteleira, pára, pára o cacête, nós entregaremos teu guardanapo e teu burro.

O bom homem gritou: «Ora pro nobis!» mas o cacête estava tão entusiasmado que não cessou as pancadas sinão quando o dono disse pela segunda vez: «Ora pro nobis».

E foi-se com seu burro e seu guardanapo; quando chegou em casa a mulher perguntou-lhe:

— E. Norouás, pagou-te bem?

— Sim, respondeu ele, vais ver tudo o que ele me deu; abre teu avental: «Burro dá-me ouro», gritou ele.

O ouro caiu no avental da bôa mulher, que ficou espantada, porque nunca tinha visto tanta moeda em sua vida. Ele estendeu o guardanapo na meza e disse: «Guardanapo abre-te», e logo a meza cobriu-se de pratos e licôres.

Depois que eles jantaram bem, o bom velho disse:

Eu tenho ainda um cacête que dá pancadas em quem eu quero, podia te mos-

trar, e ele já ajudou-me bem, mas eu não mostro como se faz, porque pôde ser queiras experimental-o em mim.

*
*

Com o dinheiro que o burro, dava o bom homem comprou navios e tornou-se armador. Mas a gente dizia que ele era um grande ladrão e que para ter ficado tão rico em tão pouco tempo devia ter roubado e assassinado alguém. A justiça foi chamada e ele condenado a ser degolado.

O dia em que devia subir ao cadafalso estava a praça cheia de gente para ver cortarem-lhe o pescoço. O pobre homem disse:

— Já que se faz a vontade dos condenados á morte, eu desejava que me trouxessem meu bordão de velho, para que eu o visse ainda uma vez antes de morrer.

Foram buscar o cacête do bom velho; ele o pegou e disse:

Vêdes este cacête? foi ele que me deu toda minha riqueza. Meu cacête desdobra-te.

E o cacête poz-se logo a dançar nos ares, quebrou a cabeça do carrasco, atirou com os policias no chão, derrubou o cadafalso e começou a dar pancada naquele povo todo que tinha vindo ver a execução. De todos os lados só se ouvia grifar:

Ah! bom homem, pára, pára o cacete, tu serás perdoado. Quando ele estava certo de que não o matariam mais, gritou: «Ora pro nobis».

Mas o cacete continuou a dar pancada e só parou quando o velho gritou a terceira vez «Ora pro nobis».

O bom homem voltou sosegado para casa, apoiado no seu bordão e viveu feliz até o fim de seus dias.

Paul Sébillot